

O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan, laços sociais e revoluções de discurso

Abílio Costa-Rosa¹

Fernanda Pastori²

Resumo: Em forma de comunicação preliminar, pretende-se refletir sobre as possibilidades da psicoterapia de grupo baseada na teoria de Lacan. Partiu-se da hipótese de que se poderia aplicar à psicoterapia de grupo as mesmas bases teóricas da psicoterapia individual em que a psicanálise de Jacques Lacan é aplicada, com algumas modificações. Apresentamos alguns elementos de fundamentação teórica e o relato de fragmentos da prática de atendimento de um grupo, nesse referencial, a fim de dar uma idéia de como funciona esse modo do grupo psicoterapêutico. A aplicação da psicanálise de Lacan à prática dos grupos psicoterapêuticos tem demonstrado resultados que parecem justificar a continuidade desse exercício de intercessão e pesquisa, e ao mesmo tempo parece permitir à teoria dos grupos franquear as fronteiras do imaginário. A prática do grupo nessa referência se mostra tão eficiente quanto a psicoterapia individual no campo da Atenção Psicossocial.

Palavras-chave: grupo psicoterapêutico; psicanálise; Lacan; Atenção Psicossocial.

¹ Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Clínica da UNESP-Assis, SP. Psicanalista e Analista Institucional.
abilio@assis.unesp.br

² Psicóloga pela UNESP-Assis, SP. nandapastori@bol.com.br.

A partir de uma prática realizada, este artigo pretende refletir sobre as possibilidades da psicoterapia de grupo baseada na teoria de Lacan, e mais especificamente em sua teoria dos Discursos como Laços Sociais e suas revoluções (Lacan, 1992).

Partimos da hipótese de que se poderia aplicar à prática com grupos psicoterapêuticos, no contexto da Atenção Psicossocial, o mesmo dispositivo da psicoterapia individual em que a psicanálise de Jacques Lacan é aplicada, com algumas modificações.

Essa modalidade de psicoterapia, fundada nos pressupostos lacanianos, toma como referência o sujeito e não o indivíduo; pratica a situação psicoterapêutica como uma relação ternária e não bipessoal; parte do conceito de inconsciente como recalcado da história individual, mas, sobretudo, como produção dinâmica de sentido através de processos de enunciação e não apenas dos enunciados; a partir disso, a função do terapeuta é muito mais a de fazer circular a palavra e manter a associação livre, relançando os sentidos da enunciação. Seu modo de operar está mais próxima da função do “mais um” da teoria dos cartéis desenvolvida por Lacan (Jimenez, 1994), do que da ação de interpretar ao modo clássico. Outro aspecto importante que distingue esta modalidade de psicoterapia é sua realização com suporte nos Discursos como Laços Sociais elaborados por Lacan, e especificamente nas passagens de discurso, também nomeadas por ele como revoluções discursivas. A prática do grupo analisada neste artigo foi realizada na seqüência de experiências anteriores realizadas com base na hipótese da aplicabilidade da psicanálise de Lacan à psicoterapia dos grupos (Costa-Rosa, 2005).

Definimos o grupo como dispositivo de produção coletiva de sentido. Este pode ser produzido tanto por cada indivíduo em sua relação com o coletivo, quanto entre os indivíduos, na condição de produção significativa compartilhada. Tanto num caso quanto no outro opera o sujeito compreendido como efeito do significante em sentido amplo. Essa produção de sujeito, homóloga à produção de sentido igualmente suportada individual e coletivamente, pretende produzir efeitos nos aspectos individuais e coletivos que estão na origem do sofrimento e dos sintomas.

Percebemos que boa parte das teorias por nós pesquisadas dá muita importância ao imaginário, ou apenas arrisca ir além dele. Reconhecendo a importância do momento imaginário na psicoterapia de grupo, neste trabalho sondamos a possibilidade de ir um pouco além. Isso não significa ignorar a existência nem a importância do imaginário no trabalho dos grupos, pelo contrário também partimos dele. De fato os autores não deixam de ter razão, na medida em que a situação do grupo psicoterapêutico, como a da própria psicoterapia a dois, implica os indivíduos numa regressão tópica a modos de funcionamento correspondentes aos primeiros estádios do desenvolvimento psíquico (Bion, 1975; Anzieu, 1993). Nossa proposta parte do acolhimento da dimensão imaginária procurando deixar, bem firmado o simbólico como horizonte do trabalho de subjetivação do sofrimento e dos sintomas.

Após uma pequena síntese de algumas teorias psicanalíticas de grupo, acrescentamos a hipótese da pertinência da realização do grupo psicoterapêutico com os meios fornecidos pela teoria de Jacques Lacan, principalmente considerando as potenciais contribuições de seus avanços nas concepções freudianas de sujeito e de inconsciente, de transferência, de interpretação e do próprio dispositivo analítico. Tal

como ocorreu com “a prática a dois”, consideramos a possibilidade de que os desdobramentos lacanianos de Freud sejam capazes de tirar a psicoterapia psicanalítica de grupo daquele que talvez tenha sido o maior de seus impasses, ou seja, será possível dar outro encaminhamento à hipótese de um inconsciente grupal. Questões como a de sua existência, de sua gênese, da sua configuração, e sobre qual sua relação com o inconsciente individual, poderão ter outro equacionamento.

Agregamos, ainda, ao nosso instrumental a teoria dos Discursos como Laços Sociais, desenvolvida por Lacan, especificamente aplicada às deferentes configurações que podem ser assumidas pelo grupo em ação. Ela permitirá promover e analisar as diferentes modalidades de produção de sentido e de significantização do gozo angustioso. Utilizamos também o conceito de “passagens de discurso” para promover e analisar os diferentes deslocamentos dos indivíduos em relação às suas posições na própria problemática (implicação subjetiva, modo da retificação subjetiva, estado da destituição imaginária), bem como os deslocamentos do coletivo, tendo como horizonte a posição de “transferência de trabalho” (Lacan, 1979; Laurent, 1995; Quinet, 2005).

A formação do grupo

A experiência de grupo que dá base a esta reflexão foi realizada em uma clínica-escola de psicologia de uma Universidade Pública, durante um ano, e foi acompanhada e analisada em supervisão.

Constatada a exigüidade das procuras espontâneas da psicoterapia em grupo no município, iniciamos com uma oferta de psicoterapia psicanalítica em grupo (proveitamos para veicular o significante “psicanalítica”). A oferta foi feita, através da divulgação de cartazes afixados por toda a cidade, e na imprensa local. A princípio, não houve, portanto, uma demanda espontânea das pessoas para a psicoterapia de grupo; houve, sim, uma resposta a uma oferta; a partir da qual elas vieram procurar por conta própria; fizemos operar uma espécie de coletivizador construído. Sua vinda foi acolhida como um caminho aberto para a expressão da demanda que já existia neles (expressa através dos sintomas e queixas).

O público alvo envolvia pessoas com idade acima de dezoito anos, de ambos os sexos, que estivessem necessitadas de iniciar psicoterapia em uma instituição pública. Os interessados deveriam entrar em contato com a Clínica-Escola, deixando nome e telefone. Num espaço de vinte dias, aproximadamente quarenta pessoas se inscreveram, mas, devido a impossibilidades de horário, várias não puderam dar início ao trabalho. Dois grupos foram formados; chamamos dez pessoas para cada grupo, já contando com as possíveis ausências. A um dos grupos compareceram sete pessoas e ao outro, por motivo de erro da secretaria da Clínica, doze.

Iniciamos nosso trabalho pelas entrevistas preliminares, adaptadas para a situação grupal, tal como se inicia a psicoterapia de referencial teórico laciano. Para Lacan, 1971, “... não há entrada na análise sem as entrevistas preliminares”. De acordo com Quinet (2005, p.18):

*O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan,
laços sociais e revoluções de discurso*

“(...) durante esta fase deixa-se o paciente falar quase o tempo todo e não se explica nada mais do que o absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo. Temos, portanto, a indicação de que, nesse momento, a tarefa do analista é apenas de relançar o discurso do analisante”.

Era isso que pretendíamos: ouvi-los, para saber o que os tinha feito vir, que demanda traziam, ou que demanda os trazia. Procuramos adequar as funções das entrevistas preliminares à situação grupal (Quinet, 2005). Este autor destaca três funções: sintomal, transferencial e diagnóstica. A sintomal refere-se à fase em que o sujeito irá elaborar sua demanda de psicoterapia, ou seja, ele vai transformar o sintoma de que se queixa em sintoma interrogado, para poder dar início ao trabalho psicoterapêutico. “É preciso que o sintoma passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que este seja instigado a decifrá-lo”. (QUINET, 2005, 20-21).

Concomitantemente à constituição do sintoma como pergunta, ocorrerá o estabelecimento da transferência, na qual o sujeito encarna na figura do terapeuta a função de Sujeito-Suposto-Saber, inicialmente confundido com aquele que sabe; com a ilusão de que este conhece sua verdade (Lacan, 1988). É o chamado momento de histerização, em que o sujeito dirige-se “ao mestre” para que este produza um saber sobre seu sintoma. (QUINET, 2005, p.22). Quando isso ocorre, a transferência já está estabelecida; condição necessária para o início do trabalho propriamente dito. (QUINET, 2005, 30-31).

A terceira função das entrevistas preliminares diz respeito ao diagnóstico. Este só pode ser buscado no registro do simbólico por meio da referência às três modalidades de constituição subjetiva: recalçamento (*Verdrängung*), foraclusão (*Verwerfung*) e renegação (*Verleugnung*), em relação às quais vão ser consideradas as diferentes formas do sofrimento psíquico que busca ajuda. Partindo da compreensão dos processos de subjetivação que dão base aquela situação de sofrimento psíquico, a compreensão diagnóstica pretende ir além, até chegar ao plano dos tipos clínicos (histeria, neurose obsessiva, etc.). A função diagnóstica é fundamental “... para que o analista possa estabelecer a estratégia na direção da análise sem a qual ela fica desgovernada”. (QUINET, 2005, p.27). Nossa oferta tinha como alvo, a princípio, sujeitos constituídos por recalçamento/*Verdrängung*.

Tendo em mente a necessidade de considerar a especificidade desse conjunto de sessões, ditas preliminares, para o grupo como tal demos início ao trabalho. Naturalmente tínhamos como ponto de partida o que já havia na teoria dos grupos psicoterapêuticos para o posicionamento de cada indivíduo em relação ao conjunto, para cada uma dessas três “tarefas” a serem realizadas nas sessões preliminares do grupo. Na seqüência, alguns fragmentos clínicos serão apresentados como ilustração do desenrolar do trabalho.

As teorias de grupo e a insistência no imaginário

Nos autores da psicoterapia de grupo visitados não encontramos nenhuma modalidade que se apoiasse na noção de inconsciente pós-freudiano; para além do recalçado da história individual (Anzieu, 1993; Kães, 1977; Bion, 1975). Entretanto, deparamo-nos com o trabalho de Costa, 1989, no qual algumas afirmações, embora de base aparentemente empírica, lembravam algo semelhante às formulações lacanianas para a prática clínica (LACAN, 1998). Lemos esse trabalho de Costa – que de fato tem como uma de suas bases a teoria do imaginário de Lacan – a partir da teoria do simbólico, e da teoria dos Discursos e das passagens discursivas. Ou seja, procuramos associar os diferentes momentos do grupo, e as passagens de um momento para o outro, aos discursos de Lacan tomados como diferentes modos de produção, em termos dos vínculos transferenciais, em termos da ação do significante sobre o gozo angustioso, e em termos da produção se sentido.

Antes de avançar é necessário por em discussão o tema do imaginário destacado por Costa e por outros autores a propósito das teorias de grupo.

Costa, 1989, acredita que trabalhar em grupo é trabalhar no imaginário; afirma:

“... com a noção de ego narcísico imaginário estávamos psicanaliticamente preparados para defender a idéia da psicoterapia em grupo”. (p.4).

Sua técnica, desenvolvida experimental e empiricamente, consiste em intervir naquilo que chama a superfície do discurso (tomado aqui como enunciado discursivo e não como laço social de produção) a fim de reenviar aos clientes o próprio discurso, para fazê-los perceberem como reagem diante da emergência de investimentos imaginários uns nos outros, ou ainda de fantasias sobre o grupo. “O terapeuta interpreta quando há persistência desses conteúdos ideacionais ou fantasmáticos”. (COSTA, 1989, p. 52). Para ele, o contrato grupal consciente, de natureza imaginária, já garantiria o mínimo para que um grupo se formasse e dele emergisse algo: (...) “o grupo terapêutico é apenas um conjunto de pessoas que aceitam explicitamente submeter-se às cláusulas do contrato terapêutico”. (p.51). Veremos adiante que esse é um requisito necessário, mas não suficiente para que haja trabalho psicanalítico, inclusive no grupo.

Costa vai procurar em Freud uma teoria de grupo, e chega à conclusão de que é possível ver em Freud apenas a descrição de um imaginário. Foi a partir dos textos de Freud “*Psicologia de massa e análise do ego*” e “*Totem e Tabu*”, que tratam do social, que o autor relacionou a formação do ego ideal e do Ideal do ego com o imaginário. Para Costa, o ego é um fenômeno imaginário, um sistema de representações, produto das identificações imaginárias. Essa leitura de Freud está perfeitamente em acordo com as formulações de Lacan sobre o imaginário. Destaca a noção de que o Ideal do ego é “... um objeto investido como imagem do que o sujeito ou o ego pode vir a ser”. (p.100). O Ideal do ego seria, desse modo, uma fantasia imaginária que pode tornar-se presente no grupo como formação coletiva. Tal como na massa, o fenômeno grupal seria de

natureza imaginária, pois o indivíduo estaria ligado aos membros e ao líder, através de laços libidinais, ou seja, de vínculos afetivos de tonalidade narcísica.

Sem dúvida que essa leitura dos fenômenos imaginários se encontra em Freud e já não é pouco que ela elucide certos modos de funcionamento individual e coletivo, mas de fato ela é ainda insuficiente para manejar os acontecimentos no grupo psicoterapêutico, tal como pode ser definido a partir das proposições teóricas lacanianas, para além do imaginário. A releitura de Lacan, destes tópicos já presentes em Freud é decisiva para mostrar os pontos de impasse das teorias do grupo que giram ao redor do imaginário.

Como esse imaginário poderia ser construído sem a presença do cultural, do social, do simbólico; sem levar em conta a própria dimensão real (gozo angustiante) dos acontecimentos relacionados ao sofrimento psíquico?

A partir da noção da presença do social na constituição do imaginário, discutiremos mais adiante a noção de sujeito. Por ora, continuemos mais um pouco com a questão do imaginário nas teorias do grupo.

Bion foi o autor que mais explorou a dimensão imaginária nos grupos. Seu livro *Experiências com grupos*, possibilitou a difusão da sua teoria. Com base kleiniana, formulou a hipótese de que em contato com o grupo, na situação de psicoterapia, o indivíduo regride às fases mais primitivas da vida mental (protomental), pertencentes à “fase esquizo-paranoide” descrita por Melanie Klein, lançando mão de mecanismos de defesa típicos desse período, como a identificação projetiva (Bion, 1975).

A partir da compreensão das tensões que se manifestam no grupo, Bion estabeleceu o comportamento grupal em dois níveis: o da tarefa comum e o das emoções comuns. Considera que o primeiro baseia-se na realização de uma tarefa no nível racional e consciente por meio da atividade mental refinada. Nessa circunstância, a cooperação dos membros é condição necessária para a realização da tarefa. Bion denominou esse nível de grupo de trabalho ou grupo refinado; porém, sua concepção do grupo de trabalho aproxima-o muito mais de uma organização burocrata com um líder no comando, do que de uma agregação coletiva baseada numa “transferência de trabalho” (Laurent, 1995). O segundo nível refere-se às suposições básicas, segundo as quais os membros do grupo funcionam no nível do instinto e das emoções. Destaca três supostos básicos. No suposto básico da dependência, o grupo espera do líder, geralmente o terapeuta, proteção e nutrição: “... sentam-se e ficam esperando que ele solucione todos os seus problemas”. (Bion, 1975, p.73). “O grupo supõe que se reúne para receber do terapeuta alguma forma de tratamento, contentando-se em fazer perguntas à espera que ele as responda” (p.134-135).

No segundo suposto básico, “luta-fuga”, os indivíduos se reúnem pra lutar ou fugir de um inimigo (herança do contexto de trabalho: seus primeiros “clientes” foram soldados com problemas gerados na frente de batalha). Nesse pressuposto, subjaz a fantasia de que o líder mobiliza o grupo para o ataque ou para a fuga, ajudando-o a fugir (p.56). A preocupação com a luta-fuga leva o grupo a ignorar outras atividades, e a se esquivar de fazer algo novo; em suma, fica na contramão do trabalho que motivou o grupo a se reunir.

Por fim, o terceiro suposto básico, “acasalamento”, consiste na espera de um líder messiânico emergente do próprio grupo, que o salvará. Nessa etapa, Bion constata que

há o monopólio da fala entre duas pessoas, que se reúnem, segundo a suposição comum do grupo, para fins sexuais. A isso o grupo assistiria como se estivessem diante da cena primária, mostrando “reações de confiança, expectativas, idéias otimistas e sentimentos de melhora e esperança” (p.133). No modo de funcionamento correspondente a esse pressuposto, os membros deixam de acreditar que seus problemas são *sui generis*, e passam a localizar semelhanças com os dos outros.

A idéia que o autor nos traz é a de que todas as suposições incluem a existência de um líder, que pode ser identificado na figura de uma pessoa, idéia ou objeto. Os componentes do grupo tentam se articular em torno de lugares determinados e papéis definidos dentro do grupo. Portanto, há sempre figuras identificatórias imaginárias operando. Vale sublinhar que a proposta de Bion se desenrola justamente em contraponto a essa situação regressiva do grupo, visando a constituição do grupo de trabalho. Embora suas intervenções pareçam um pouco circunscritas ao imaginário, pois parte de suas interpretações se dá no registro do imaginário e das fantasias, que consiste na interpretação “da” transferência, como se estivesse no plano dos enunciados. Bion também opera com o conceito de identificação projetiva, e se vê obrigado a interpretações laudatórias explicativas, que parecem ter dificuldade de fazer os indivíduos saírem do plano das relações imaginárias imediatas.

“No tratamento de grupo, muitas interpretações têm de ser feitas fiando-se nas próprias reações emocionais do analista. Acredito que estas reações dependem do fato de o analista no grupo encontrar-se na extremidade receptora daquilo que Melanie Klein (1946) chamou de identificação projetiva” (BION, 1975, p. 136-137).

Bion postulou também em sua teoria de grupos, “(...) a existência de um sistema protomental, em que o físico e o psicológico ou mental são indiferenciados e que fica fora do campo comumente considerado como aproveitável para as investigações psicológicas” (p. 141). Segundo essa definição, pode-se conjecturar que as suposições básicas são fantasias ainda muito próximas das pulsões, que nem possuem representações (estas só poderiam ser emprestadas pelo aparelho mental do analista). As fantasias seriam o único recurso dos indivíduos nessa situação de regressão tópica a que a situação do grupo os conduz; entretanto, não vemos porque elas não poderiam ser elaboradas pelos mesmos indivíduos com o recurso do significante de que agora dispõem. Com suas interpretações laudatórias, Bion parece acabar por injetar mais imaginário.

Embora esta teoria não tenha sido suficiente para guiar nosso trabalho, ela também nos respaldou. Lacan já havia destacado a importância da técnica de Bion, e a denominou “grupo sem chefe”, referindo-se ao modo como viu Bion conduzir o trabalho com os grupos de soldados (Lacan, 1989).

Anzieu, 1993, também focou seu trabalho no imaginário. Para ele a situação de grupo é vivida primeira e essencialmente no nível das representações imaginárias arcaicas. A “grupologia psíquica” proposta pode ser compreendida a partir dos conceitos de imagem do corpo, da fantasmática originária, dos complexos familiares, das redes identificatórias e da imagem subjetiva do aparelho psíquico. Tal como Bion,

considera a situação grupal como podendo gerar um grau de angústia capaz de produzir uma regressão tópica a um tempo lógico anterior à integração do ego. Porém, como seu referencial é basicamente freudiano, considera os efeitos dessa regressão em termos de ameaça à integridade/integração do ego. Isso pode ser observado no fenômeno da “ilusão grupal” traduzida na vivência de um “bom grupo”, de um “bem estar juntos”; haveria, nessas circunstâncias, a substituição do ego ideal de cada um, por um ego ideal comum. “... o grupo é a identificação dos membros com o chefe e entre si”. (Anzieu, 1993, p.18). No que pese seu acento no imaginário, o trabalho de Anzieu está mais próximo do grupo psicoterápico como o concebemos, ou seja, ao propor uma analogia entre o grupo e o sonho não deixa de considerar uma dimensão imaginária sobre o fundo de uma referência simbólica. A elaboração das angústias permite a passagem de uma configuração que denomina “aparelho psíquico grupal”, o “si-mesmo do grupo” para uma forma de integração grupal, o “nós do grupo”. Embora não estejamos diante de uma passagem abrupta de um sistema proto-mental para o grupo de trabalho, como em Bion; se o que temos como objetivo é o grupo psicoterapêutico, talvez se possa dizer que estamos diante de uma concepção do grupo, na qual este fica extremamente dependente dos recursos do imaginário para a produção dos resultados visados: seus “organizadores” são a “imagem”, as “proto-fantasias”, a “imagem do corpo próprio”, o “Eu-pele” (Anzieu, 1993). Embora não possamos fazê-lo aqui, pensamos que uma pesquisa com o grupo psicoterapêutico na perspectiva de Lacan deve esmiuçar esses conceitos, produtos de um longo esforço teórico por parte do autor, a fim de procurar seu contínuo e sua passagem do imaginário ao simbólico; portanto, o estudo de suas contribuições faz parte de nossa pesquisa com a psicoterapia de grupo.

Käes, 1977, também parte da hipótese de “um aparelho psíquico grupal” construído por meio da circulação fantasmática: projeções e introjeções de cada um sobre si e sobre o grupo. Esse aparelho é definido como uma construção psíquica comum aos integrantes do grupo. Também postula a presença de organizadores psíquicos inconscientes da configuração grupal, que dizem respeito às relações objetais, como a “imagem corporal”, a “fantasia originária”, os “complexos familiares e imagos”. Há também organizadores socioculturais construídos nas relações interpessoais, elaborações coletivas da “realidade intrapsíquica”. Para ele trabalho interpretativo consiste na análise das transferências interpessoais visando a elaboração dos processos de transferência e contratransferência. Outro trabalho monumental que fica, por enquanto, apenas mencionado, para aprofundamento futuro.

Cada um a seu modo, esses autores insistem na hipótese da manifestação mais ou menos espontânea de um a “aparelho psíquico grupal”, a ponto de Costa, 1989, ter afirmado tratar-se da afirmação de uma grupalidade intrínseca dos grupos. Como não poderia deixar de ser, os méritos e as insuficiências dessas teorias de grupo estão em correlação direta com o alcance das formulações da psicanálise em que se basearam, ou seja, veremos que seu recorte do imaginário da teoria kleiniana (posição esquizoparanoide, identificação projetiva, contratransferência) e seu recorte do imaginário freudiano (protfantasias, eu ideal, dimensão imaginária do sonho, inconsciente como recalado da história individual, “realidade intrapsíquica”) acabaram por fazê-las prisioneiras de uma série de impasses e aporias, das quais a maior de todas talvez seja o questionamento sobre a existência de um inconsciente grupal ou se este corresponderia apenas ao indivíduo; portanto, se estaríamos diante da possibilidade de uma psicoterapia no grupo ou de grupo. Veremos que o conceito de sujeito como necessariamente

coletivo, a idéia do inconsciente como produção dinâmica de sentido, acrescentados por Lacan, 1988, poderão dar outro desdobramento à prática do grupo psicoterapêutico.

Alem desses dois conceitos, as referências teóricas de Lacan podem permitir-nos colocar a discussão sob a perspectiva das modalidades da transferência realizada no grupo psicoterapêutico em seus diferentes momentos, partindo do conceito de “Sujeito-Suposto-Saber”, que acrescenta a dimensão simbólica da transferência. Pode-se pensar que a transferência em ação nesses grupos é, antes de tudo, anônima. De acordo com Miller, 1989, “... esta é a primeira versão da transferência, fase de alienação significativa e de intensa ativação imaginária” (p.45), ou seja, é necessário que as ações do psicoterapeuta se dêem no âmbito do imaginário, no rebatimento do significado e na devolução de sentidos tácitos ao paciente. Na fronteira do imaginário, mas já atravessando para o simbólico, está a transferência de significação, que ainda pode não abarcar toda a complexidade da questão trazida pelo sujeito. Esta modalidade da transferência remete aos sentidos produzidos a partir do inconsciente como recalcado da história dos indivíduos. Tempo “... da abertura do inconsciente, o da rememoração e da repetição em ato na análise, todas as formas de saber inconsciente que pertencem à Outra cena e cujo conteúdo crucial é a questão do sintoma”. (p.48). Finalmente, propõe-se uma terceira modalidade da transferência, que Miller nomeia como psicanalítica. Esta é decorrência da própria definição do inconsciente como dispositivo de produção de sentido novo, e da consideração simbólica da transferência como transferência de “saber inconsciente”. Neste trabalho propomos pensar a produção no grupo psicoterapêutico e a própria construção desse dispositivo de produção, a partir dessas modalidades da transferência.

Acreditamos que a partir da análise desse imaginário e das lacunas do discurso consciente (enunciados), emergirão outras enunciações através das formações do inconsciente (recalcado da história individual), bem como das novas produções de sentido, indicando assim, a presença do simbólico como possibilidade de significantização, ou seja, de ciframento da própria angústia. Também é com essa dimensão do simbólico que pretendemos trabalhar no grupo situando-o nos Discursos como Laços Sociais e nas passagens de discurso, tendo como horizonte a possibilidade de seu funcionamento no Discurso do Analista.

Outras bases teóricas para realização do grupo na teoria de Lacan

Para operar com o grupo psicoterapêutico além do imaginário, tal como procuramos conceber-lo, é necessário aprofundar os conceitos de inconsciente e de sujeito, de interpretação tal como foram elaboradas por Lacan, e a concepção da transferência acima referida. A esses conceitos acrescentamos a idéia do grupo psicoterapêutico como dispositivo capaz de produção de saber inconsciente, produção de sentido capaz de incidir sobre o gozo, que se traduz nos estados de ansiedade e angústia. Propomos, ainda, seu funcionamento tomando por referência os Discursos como Laços Sociais, e o conceito de revoluções de discurso, ou seja, a possibilidade tanto do coletivo quanto dos indivíduos que o compõem, de circularem pelos diferentes “modos de produção”, e mesmo de se deslocarem de um modo a outro (Lacan, 1992). Finalmente, é necessário que definamos a especificidade dos laços sociais Discurso do

Mestre, Discurso da Histeria e Discurso do Analista, a fim de que se possa vislumbrar um mínimo de sua operatividade.

Em Lacan a transferência é recolocada noutra perspectiva que, apesar de incluir os desdobramentos freudianos, eleva suas possibilidades de tratar a experiência da psicanálise. Ao propor que, nas demandas de ajuda psíquica, antes de tudo está o saber inconsciente, recoloca a experiência na perspectiva da práxis como tratamento do Real pelo Simbólico, permitindo aos sujeitos dessa experiência escapar à repetição dos padrões e engajarem-se numa transferência de trabalho capaz de visar à produção do sentido (Lacan, 1988 e 1992). O sentido produzido pelos próprios sujeitos é o único capaz de dar conta do gozo em jogo no sofrimento ou nas formações sintomáticas que os fizeram vir.

O conceito de sujeito do inconsciente, e o próprio conceito de inconsciente, freudianos também são ampliados pela teorização de Lacan (1998). De acordo com ele, o sujeito (\$) está representado no discurso, ou seja, é aquilo que um significante (S1) representa para outro significante (S2), mediante a extração de uma parte de gozo, condensado no objeto *a*, que funciona também como causa do desejo, como objeto da fantasia e como mais-gozar³. Vemos que há aqui uma concepção de “sujeito como sentido” resultante da circunstância estrutural (necessária) de que, para se constituir, o homem tem que entrar no simbólico; sendo o sujeito efeito dessa entrada na linguagem, tomada como metonímia do campo humano. Ou seja, o efeito desse processo de constituição é que ele habita simultaneamente o plano da existência e o plano do sentido. Portanto destaca-se do matema aqui apresentado, o sujeito como sentido, “efeitos-sujeito”. Nessa perspectiva o sujeito tanto é o indivíduo com um inconsciente, sujeito dividido por sua necessária entrada na linguagem como campo do simbólico, circunstância em que o termo inconsciente adquire o sentido de recalcado da história individual; quanto o sujeito pode ser a figuração dos próprios efeitos de sentido advindos do processo de enunciação, produzidos pelo “encontro” dos significantes no processo de enunciação (Milner, 1996).

“Uma vez que o sujeito advém pela linguagem é, portanto, no próprio ato da articulação significante, isto é, na enunciação, que ele advém” (DOR, 1989, p. 118).

Portanto o sujeito tanto é o homem em sua divisão, quanto “os efeitos-sujeito”. Esses efeitos-sujeito podem produzir deciframento na dissolução sintomática, quanto podem permitir a inscrição pulsional, contribuindo para a mudança da posição do sujeito na fantasia fundamental, ou seja, em suas relações com o que o afeta ($\$ \diamond a$). Conforme podemos ver, a definição do sujeito e a do inconsciente são inteiramente imbricadas. Eis algumas referências teóricas necessárias para pensarmos a produção do grupo psicoterapêutico na teoria de Lacan.

Partindo de nossa hipótese de que o inconsciente emerge como sujeito no discurso, pela enunciação, processo através do qual se pode produzir sentido novo para impasses não significantizados (ansiedade, angústia); postulamos que esse sentido novo pode ser produzido tanto pela enunciação individual quanto pela enunciação coletiva (conjugação trans-pessoal de enunciações), e também pode ser sancionado igualmente

3. S1 - \$ - S2

◇

a

individual e coletivamente (Lacan, 1999). Portanto, na situação em que o grupo é um coletivo de trabalho, a “transferência de trabalho” é a responsável destacada pela união dos sujeitos, não descartando a presença simultânea da transferência imaginária (Laurent, 1995). Para alcançar a dimensão simbólica da produção de sentido tal como a formulamos, para além do imaginário, é necessário conduzir o grupo a uma posição de trabalho que os Discursos como Laços Sociais de Lacan podem ajudar a promover e compreender. Isso pode ser realizado basicamente partindo de dois modos discursivos: Discurso da Histeria e Discurso do Analista. Os Discursos de Lacan partem de uma composição de quatro lugares, que ele denomina quadrípode.

Figura 1: Os quatro lugares e algumas relações entre eles, representadas pelas setas, as barras horizontais e as paralelas, que compõem a estrutura quadrípode do discurso como laço social.

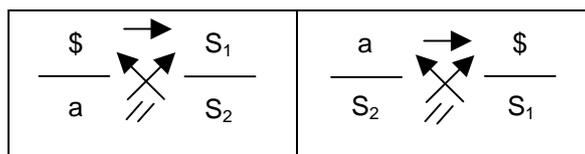


Esses quatro lugares são especificados na estrutura discursiva como: agente ou semblante, outro ou trabalho ou gozo, produção ou mais-gozar e verdade (PORGE, 2006). Sua nomeação já indica algo de suas funções operativas, variáveis segundo o contexto considerado.

O lugar da verdade especifica o fim pretendido de um laço social. É preciso dizer, ainda, que a verdade é definida como “não-toda”, pois nenhuma ação de produção é capaz de atingir cabalmente seus fins (indicado pelas barras paralelas), por melhores ou piores que sejam. As barras horizontais indicam recalçamento ou velamento. Os outros lugares se esclarecerão à medida que avançarmos.

Esses lugares podem ser ocupados pelo sujeito (\$), o objeto (a) e os significantes (S1 e S2), matemas da álgebra lacaniana, cujo sentido pode variar segundo o contexto teórico e da práxis em que são empregados.

Figura 2: Escrita dos laços sociais elaborados por Jacques Lacan: Discurso da Histeria ou do Sujeito e Discurso do Analista, respectivamente.



Consideremos a melhor das hipóteses, em que o sujeito se apresenta como dividido pelo sofrimento do sintoma, na posição do Agente. Temos configurado o Discurso da Histeria: nesse caso o psicoterapeuta, localizado no lugar do trabalho, não tem outra opção que suspender toda a mestria e mesmo a comunicação no campo dos enunciados, ou seja, a ética da implicação dos sujeitos no desejo exige a suspensão das funções de supridor, de “interpretador” ao modo clássico. É suspendendo sua mestria que ele vai permitindo o surgimento dos significantes-mestres, que se precipitam no lugar da produção como saber inconsciente (S1), preparando paulatinamente a possibilidade da passagem dos sujeitos e do conjunto para a posição de trabalho (\$).

Se o sujeito está no lugar do trabalho, então temos configurado o Discurso do Analista. Na prática, essas passagens, mesmo que ainda aleatórias, furtivas, constituem o trabalho necessário para que se consolide a posição do (\$) no lugar de trabalho – a produção do \$ representado por significantes no Outro – configurando aí a passagem de discurso ao modo de produção Discurso do Analista.

As modalidades da transferência que operam nesses dois Laços Sociais são: a transferência de significação (re-atualização transferencial do sentido recalado e fabricação da neurose de transferência, com as particularidades da situação de grupo) e a transferência analítica ou de significância, em que os sujeitos se confrontam com a necessidade da produção de sentido novo, a partir das enunciações significantes, que cada sujeito e o próprio coletivo produzem (coletivo que inclui o psicoterapeuta). Consideramos como parte da dimensão simbólica da produção grupal, neste dispositivo, tanto as produções que são provenientes do recalado das histórias singulares, quanto a produção de sentido novo por um, por dois ou por todos. Postulamos como singular justamente aquilo que tem potência de metaforização de sentido tanto para um sujeito quanto para vários simultaneamente. Portanto mesmo quando a enunciação se refere estritamente ao recalado da história de um, ela ocorre num contexto transferencial em que pode transladar-se para os outros, pelo efeito da enunciação, ou seja, efeito de significante. Por ser sempre referenciada no Outro do simbólico, tem efeitos que podem retornar sobre o primeiro que enunciou o sentido e também sobre outros participantes do grupo. São, portanto, os efeitos singulares que reverberam na criação enunciativa produzindo o que a teoria, às vezes, chama acanhadamente de transindividual.

Miller (1989, p.50), afirma que na transferência de significância o sujeito se abre para um outro saber, que não é apenas o recalado, mas um saber que tem de ser construído. É um saber não-sabido que se produz pelo encontro de significantes, que dará significância (ou sentido, significantização) a algo que ainda não foi simbolizado na história do indivíduo (Lacan, 2007). Esta produção de sentido tem as próprias características do Simbólico tal como o define Lacan: eterno vir à existência de um significante em resposta às injunções da “realidade” (Nasio, 1989).

O dispositivo grupo se introduz pertinentemente, justo por se tratar de sujeitos do sofrimento. Ou seja, neles o que se torna impasse é não poder dar essa resposta. O grupo psicoterapêutico nos Discursos como Laços Sociais procura repor essa capacidade produtiva inerente, e que conjunturalmente entrou em maior ou menor grau de falência no aparelho psíquico.

Vale a pena insistir num aspecto fundamental da transferência correspondente ao modo de produção do Discurso do Analista: trabalhamos com o conceito de Sujeito-

Suposto-Saber, em que se propõe a inversão da posição do sujeito em relação ao saber em jogo: é ele quem o tem e quem pode produzi-lo.

Ao definirmos estas modalidades do processo grupal, não as estamos propondo segundo nenhuma hierarquia rígida, pois como mostra a prática, elas podem ocorrer simultaneamente; naturalmente as diferentes posições transferenciais do psicoterapeuta também não são dadas “a priori”, elas são função do próprio trabalho que cabe a ele realizar. Entretanto é pertinente propor que há uma direção no processo grupal que é resultante de como se dá a “grupalização” (coletivização dos objetivos, esforços e expectativas, movimentos da transferência e da implicação subjetiva), e como se dá a posição assumida pelo psicoterapeuta. Mesmo quando ele opera no Discurso da Histeria, insistentemente convocado na posição transferencial de mestria.

Como parte da base teórica de nossa proposta, também é necessário introduzirmos algo sobre o conceito de interpretação. Como opera o terapeuta nesta perspectiva? A interpretação “na” transferência, do terapeuta de grupo que atua nos Discursos como Laços Sociais de Lacan consiste numa ação capaz de relançar o sentido da enunciação, e não dos enunciados, através da função fática que interroga, exclama e escande, visando fazer o outro falar. Trata-se de “... pontuar o dizer do paciente por meio de uma escansão que fará surgir, no próprio lugar da enunciação, a abertura significante que ali se faz ouvir”. (DOR, 1989, p.120).

A interpretação que se dá no registro do imaginário é baseada na adição, na “cola” de sentido, ou seja, este já vem pronto do outro (terapeuta ou grupo), e propicia, eventualmente, para o sujeito uma reposição da funcionalidade do sintoma. A ação do psicoterapeuta, que opera suspendendo seu saber, vale-se de cortes e escansões nos significantes, assinalando-os e sublinhando-os, para fazer emergir o sujeito do inconsciente, do desejo. Fundamental é fazer circular a palavra (associação) como meio de fazer operar o saber que está no Grande Outro como tesouro de significantes. Nesse caso a interpretação opera tanto por efeito de sentido, quanto através de abertura para no sem-sentido, não-senso (Laurent, 1995: 24).

Exemplos de interpretação que visam essa direção podem ser notados nas seguintes falas, tomadas aqui isoladas de seu contexto:

A: *Quando você morre acaba.*

Terapeuta: *Como assim acaba?*

A: *Se eu morrer as pessoas não vão mais me ver!*

E: *Parece que eu tô presa.*

Terapeuta: *Presa?*

E: *È que nem passarinho que não sabe voar. Se você dá liberdade pra ele, ele cai.*

Terapeuta: *Cai?*

E: *Dá medo de cair e se machucar.*

Essa produção de sentido visa implicação subjetiva e destituição imaginária. A primeira consiste no reposicionamento por parte do sujeito, no sentido do

reconhecimento da implicação no próprio sofrimento de que se queixa, e no sentido de fazer-se perceber protagonista da produção de sentido que lhe falta, e autor da sua própria história, para então se apropriar dela e mudar sua posição em relação ao sofrimento de que veio se queixar. A destituição imaginária, nesta modalidade de grupo realizado no contexto da Saúde Coletiva, refere-se ao reconhecimento de que perceber-se sujeito de seu desejo e de seu devir não equivale a nenhum protagonismo heróico. Significa poder situar-se na relação entre autodeterminação e héterodeterminação, reconhecendo também onde o conflito ou a contradição exigem a implicação individual ou a coletiva.

O Discurso do Analista como horizonte ético do grupo psicoterapêutico

Segundo Lacan, o sujeito chega à análise a partir da hipótese de que há saber. A primeira transferência, digamos, é imaginária, pois o sujeito atualiza na relação com o psicoterapeuta, e depois com o grupo, a imagem de autoridade, de “suposto saber”, instância ainda identificada com “aquele que sabe”. Trata-se, como já definimos, da transferência anônima, importante nesse primeiro tempo (MILLER, 1989).

A partir da hipótese de que há saber, o sujeito demanda do “mestre” um saber que dê conta da verdade sobre o seu sintoma, ou seja, de seu sofrimento. Ele encarna esse saber na pessoa do psicoterapeuta, buscando respostas prontas. A hipótese do sujeito de que há saber, é deduzida do fato de que o sujeito postula alguém que sabe desse “saber”, postulação feita a partir da sua posição de alienação em relação às causas do sofrimento de que se faz portador.

Esse momento, que se caracteriza por esperar respostas prontas do terapeuta ou dos membros do grupo, é permeado pelo laço imaginário, numa relação dual, de espelhamento e de reciprocidade identificatória (Laurent e outros, 1998; Costa e outros, 1997; Lacan, 1988). Dependendo da posição ocupada pelo terapeuta, pode ou não haver um deslocamento para a “transferência de trabalho”; ou seja, a passagem do sujeito (\$) ao lugar do trabalho depende da suspensão de toda a mestria por parte do psicoterapeuta, pondo em ação um saber que Lacan chamou ignorância doutra, um saber que sabe que não pode saber pelo outro, e que “consiste em manter aberto no lugar do Ideal, o buraco particular de objeto *a*” (...) “evitar a estagnação na transferência imaginária e seu efeito de ‘cola’, para conduzir cada um, de acordo com uma lógica coletiva, a um produto subjetivado” (Laurent e outros, 1998, p. 265-6).

Por outro lado, a transferência imaginária caminha em direção à simbólica, na medida em que o sujeito desloca a suposição de saber do outro para o Grande Outro, como campo da linguagem e do simbólico. Podemos dizer, com Lacan, 1992, que o indivíduo comparece à psicoterapia, fazendo entrar em jogo o Sujeito- Suposto- Saber, entrando pelo laço social do Discurso da Histeria, que é “o próprio inconsciente em exercício” (Quinet, 1991). Para que esse modo do funcionamento grupal possa se consolidar e coletivizar, é necessário que o psicoterapeuta suspenda a suposição de saber depositada nele e também vá produzindo com suas falas o barramento dos outros indivíduos que podem ser solicitados a ocupar essa posição de suprimento imaginário. Essa é a única possibilidade da inversão, mesmo momentânea da posição que cada um

ocupa nesse momento inicial da análise. Ao suspender as ações de mestria, o terapeuta poderá situar-se no lugar do Agente, como semblante de objeto (a); o que caracteriza o modo de funcionamento Discurso do Analista, no qual o \$ opera no lugar do trabalho (encima à direita), para a produção dos significantes-mestre (S1) (embaixo à direita) capazes de presentificar o sujeito (\$) como aquilo que um significante representa para outro significante (Magno, 2007).

Exemplos de demandas de saber ao psicoterapeuta por parte dos membros do grupo podem ser verificados nas falas a seguir:

C: O fato de eu guardar as coisas tem a ver com o bruxismo?

E: É certo ou errado eu guardar as coisas?

A: Meu negócio é pânico?

M: O que você acha de eu beber? (para outro participante;transferência lateral)

A: Vocês não vão falar nada pra gente, dar uma devolutiva?

M: A gente pode esperar alguma coisa de vocês?

E: Quanto tempo tem que durar a psicoterapia. É muito tempo?

M: Eu acho que eu tô curado, o que vocês acham?

Suspendendo sua resposta, o terapeuta coloca os sujeitos numa perspectiva que favorece que eles se abram ao inconsciente. Deixando em suspenso, a resposta à **demanda** de saber, dá uma chance ao **desejo**, através desse silêncio interrogativo (*Che vuoi?!* que qeres?), propiciando o aparecimento de um novo saber, pelo retorno da interrogação dos sujeitos sobre si mesmos. (MILLER, 1989, p.47).

O terapeuta que trabalha nesta perspectiva sabe que é só não respondendo a essa expectativa, que a transferência imaginária pode deslocar-se para a transferência de trabalho, e o saber deslocar-se, de saber do outro (mestre), para saber do Outro (inconsciente); portanto, saber a ser produzido pelos próprios sujeitos. O psicoterapeuta, na medida em que está incluído nos sintomas, pelo vínculo transferencial, também é “mais um” na contrapartida dessa produção. Não é preciso dizer que essa posição do psicoterapeuta é uma posição construída gradativamente, como parte do processo de grupalização e da consolidação das funções das entrevistas preliminares nesse processo; muito diferente do estereótipo do silêncio “a priori”.

Esse processo fará com que o sujeito, e o próprio conjunto, se questione sobre o seu sintoma, se abra para o saber inconsciente e, a partir disso, transforme o estatuto de resposta do sintoma em estatuto de pergunta, num processo de implicação subjetiva.

A: Por que será que eu gosto do homem do saco?

- Será que eu ainda não descobri o que eu gosto?

M: Por que eu sempre senti solidão?

*O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan,
laços sociais e revoluções de discurso*

A: *Eu tenho medo de sair. Eu fico pensando: será que eu vou, será que eu não vou?*

C: *Como eu vou saber se eu não gosto, eu não conheço!*

É a partir dessa implicação que se dá a constituição do “sintoma como analítico”. O sujeito não se dirige mais ao outro (terapeuta), mas sim inclui o outro, terapeuta ou grupo, numa espécie de “trabalho conjunto” que se opera na transferência. Quando percebe que também possui um saber, a relação vai se operar com o Grande Outro, isto é, com a própria possibilidade de produzir o sentido que lhe falta.

Nesse momento, o terapeuta, tempera suas falas e ações tendo como horizonte o sujeito (\$) como hipótese de que “há saber inconsciente”, que aparece na dimensão significante e que serve para produzir os sentidos novos, capazes de dar conta do seu sofrimento. Nesse modo de funcionamento vai se produzindo a passagem discursiva, do Discurso da Histeria ao laço social Discurso do Analista.

Ocupar concretamente o lugar de agente no Dispositivo do Discurso do Analista significa, para o psicoterapeuta, resguardar seu lugar de objeto *a* como causa, como aquele que “faz” o outro falar, e faz a palavra circular entre os participantes do grupo (associação significante). Ao relançar o sentido produzido nas brechas do enunciado (individual ou transindividual), faz prevalecer a dimensão da enunciação, que presentifica o sujeito do inconsciente na forma do novo sentido produzido; só este é capaz de produzir o reposicionamento subjetivo (o \$ como “entre” significantes) em relação ao sofrimento e aos conflitos e contradições que fazem sofrer.

Noutra vertente de trabalho denominada “O sujeito Social”, Barus-Michel, 2004, considera que cada indivíduo que participa de um grupo, permanece sujeito autônomo. “O sujeito social não anula os sujeitos individuais, que continuam a manter suas particularidades (...). Os atores sociais, membros do grupo, não deixam de ser pessoas singulares” (p.62). Aproveitamos essa observação para deixar colocada a importante questão da apropriação individual ou coletiva do saber produzido no e pelo grupo; quanto a isso já sabemos que, embora esteja instalada uma lógica do funcionamento coletivo, dentro dessa lógica, em cada um de seus momentos, cada sujeito se situa de modo singular. Também é fato evidente que, uma vez que o sofrimento comparece privatizado, o mesmo acontece com a apropriação dos primeiros efeitos do trabalho do grupo.

No Imaginário e além do Imaginário

Dada a importância do imaginário na psicoterapia grupal, a ponto de que algumas teorias pretenderam centrar nele as possibilidades dessa forma de trabalho, e dado por assentada a sua importância também em nosso trabalho, sobretudo para a construção do grupo como coletivo de trabalho para a produção de sentido, iremos ainda, apresentar outras tentativas de ir além do imaginário.

Afirmamos desde já que, embora tenhamos trabalhado na perspectiva do sujeito do recalçamento, que pressupõe sua passagem pelo Édipo, e conseqüentemente entrada no simbólico, não deixamos de nos deparar com os “retornos do recalcado” de consistência real e imaginária (Lacan, 2005).

Pudemos perceber que o desencadeamento de qualquer processo em que um sujeito requer atendimento psicoterápico é permeado pelo imaginário. No nosso caso, em particular, consideramos que a partir do momento que as pessoas entraram em contato com os anúncios, algo ali se processou imaginariamente para elas. Algo as fez ligarem-se à oferta, o que se constitui um primeiro momento da transferência, anônima, no que pese a presença do significante “psicanalítica” no enunciado de nossa oferta de possibilidades transferenciais.

Essa transferência pode ter sido imaginariamente investida na figura do terapeuta como alguém que ocupa um lugar de Ideal, ou ainda investida na fantasia que o sujeito faz daquilo que seja um grupo psicoterapêutico psicanalítico.

Essas projeções imaginárias são importantes no sentido de estabelecer o vínculo operador. Para o terapeuta, situar-se em relação ao lugar em que o sujeito o coloca, faz operar a posição de onde ele é ouvido, que é imaginária de início. É necessário que num primeiro momento, o terapeuta corresponda a essa posição em que o sujeito o coloca, mas diante disso, é preciso ficar atento a este lugar, para que o sujeito não fique prisioneiro dos padrões da sua história e do seu sintoma.

Em relação à imagem que o sujeito tem de grupo, podemos pensar que a partir dela, os membros do grupo se ligam por processos de identificação, como os apontados por Freud, 1980 (1921). A algo com a mesma função, Bion, 1975, nomeou valência, que consiste na “... capacidade de combinação instantânea e involuntária de um indivíduo com outro para partilhar”. (p. 141).

Nesse estado, o grupo passa a ter impressão de que seus problemas são comuns, e começa entender que vão lá para trabalhá-los, configurando o que podemos denominar primeiros momentos da grupalização. Esta pode achar brechas para fazer emergir os fenômenos trans-individuais (de início da ordem das fantasias). A grupalização supõe o psicoterapeuta situado transferencialmente de modo a devolver a palavra para os indivíduos e relançar a enunciação, abrindo condições para entrar na dimensão inconsciente e fazer o grupo operar psicanaliticamente. No grupo que atendemos, os fenômenos transindividuais traziam um enredo: morte, prisão, paralisia, confiança, medo, entre outros.

O sentido produzido por uma pessoa pode tocar no recalcado da história de outra; o dito, que para um é enunciado, pode assumir, para outro, potência de enunciação e permitir-lhe movimentar as cadeias significantes; o encontro de dois significantes vindos de sujeitos diferentes pode permitir a um terceiro sancionar ali um sentido particular, capaz de contribuir para deslocar sua posição de sujeito em relação ao sintoma: eis algumas figuras do sujeito que se representa por um significante no Outro (Lacan, 1982).

M: Eu mudei, não estou mais prisioneiro do meu emprego.

E: Você mudou, mas eu tô presa!

*O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan,
laços sociais e revoluções de discurso*

- *Meus pais sempre foram rígidos comigo.*

A: Meus pais me prendiam muito, se preocupavam demais.

E: Meu filho é muito ciumento comigo.

M: Tudo bem que é um amor incondicional, mas cada um precisa ter a própria vida. Chega uma hora que o filho precisa se separar da mãe. (remete à sua história com a mãe).

E: Meu ex-marido fica me procurando ainda.

M: Você tem que cortar o laço de vez! (relativo à sua história com a mãe).

J: Eu já aprontei, dei muita cabeçada por aí.

M: Nem isso eu fiz!

Pensamos que parte disso já é consequência do avanço do processo de grupalização e da superação da transferência anônima, passando de uma posição no Discurso da Histeria em que o significante mestre (S1), ainda identificado com o saber de mestre, vai passando ao estatuto de “enxame de sentido”, consolidando o Discurso da Histeria, como consequência da suspensão do saber pelo psicoterapeuta, que opera a partir da “ignorância douda”. (Lacan, 1998).

Nossa experiência indica que a maior parte do primeiro ano de trabalho do grupo se processa nesse limiar entre Discurso da Histeria e Discurso do Analista na iminência de passar ao Discurso do Analista. Nesse momento os indivíduos (embora nunca em bloco) estão prestes a passar do lugar de agente como sujeito dividido (\$) no Discurso da Histeria, ao lugar do trabalho como sujeito (\$) no Discurso do analista. Até esse momento os movimentos do coletivo mais se caracterizam como um deslocamento intermitente entre esses dois modos discursivos, entre esses dois modos de produção de sentido e de ciframento do gozo angustioso (inscrição pulsional, em termos freudianos).

Ao colocarmos como horizonte o funcionamento do grupo segundo o modo de produção do Discurso Analítico, não descartamos a possibilidade de que deslocamentos ocorram para esse modo de produção, porém nossa experiência ainda não é suficiente para afirmar que essa posição pode consolidar-se nesta modalidade de trabalho com o grupo psicoterapêutico, considerando também as características de nosso contexto (Clínica-Escola e psicoterapeutas em início de formação). Parece-nos, entretanto, que para consolidar o grupo psicoterapêutico como dispositivo coletivo de produção de sentido pela enunciação significante será necessário consolidar um modo de operatividade homólogo ao do Discurso do Analista, no qual a ligação entre seus componentes só pode corresponder à “transferência de trabalho”, simbólica (Lauret, 1998).

Para melhor tentarmos situar o avanço da proposta de grupo psicoterapêutico que fazemos, em relação às que se atêm ao imaginário, vale a pena insistir na definição de

grupo de trabalho proposta por Bion, 1975. Para ele, o método científico, que é considerado parte da função do grupo de trabalho, pressupõe o uso racional da comunicação verbal, uso que não ocorre no nível das suposições básicas. A atividade mental do grupo de trabalho pode representar alguma tentativa de entrada no simbólico. Uma vez que, para Bion, ela depende de certo grau de racionalidade, e de métodos científicos, ela pode ser entendida como um avanço na direção do simbólico, principalmente se levarmos em conta o conceito de ciência como criação ou tentativa de simbolização – ainda que de modo mais ou menos frio.

Convém assinalar que, para nós não se trata de símbolos ou trabalho racional, mas de significantes e produção inconsciente. A questão que Bion levanta a respeito da comunicação verbal do grupo de suposição básica, nos interessa justamente na medida em que ela pode remeter à diferença imaginário-simbólico. Ele fala em linguagem aviltada do grupo de suposição básica, que não corresponde à linguagem de êxito do grupo de trabalho (BION, 1975, p. 173). Se fizermos um paralelo com o dispositivo em que trabalhamos, essa linguagem corresponderia ao que definimos como diferença entre enunciados e processo de enunciação, esta ligada ao significante.

Encontramos uma correspondência entre a suposição básica de acasalamento da teoria de Bion e a suposição imaginária de saber. Se levarmos em consideração o sentimento de esperança característico do grupo de acasalamento, podemos pensar que os membros esperam de um Outro a resolução de seus problemas; em ambos os casos se buscam respostas do outro.

A partir da noção de Bion (1975, p. 142) de que todas as suposições básicas incluem a existência de um líder, poderemos supor uma entropia dada no que respeita às demandas por figuras imaginárias e papéis definidos. A concepção do grupo nos Discursos de Lacan nos permite reconhecer esses lugares e a necessidade de deslocá-los, não respondendo complementarmente a eles. Para fazer o grupo sair do impasse em que se encontra, temos que nos deslocar para a posição de semblante. “... ser agentes, enquanto analistas, de um deslocamento de lugares no grupo”. (CARRERA, 2000, p.114).

A posição do psicoterapeuta como Sujeito-Suposto-Saber depende da projeção imaginária dos indivíduos e de suas expectativas quanto às ações dele; depende também do fato de que há saber no sintoma, mas ela depende fundamentalmente de como o psicoterapeuta responde a elas. Lacan nos diz que, de imediato, o indivíduo tende a confundir o Sujeito Suposto Saber com aquele que sabe. Mas o psicoterapeuta que trabalha nessa vertente da psicanálise de Lacan sabe que não pode responder a essas expectativas, a fim de “desconstruir as formações imaginárias que barram a passagem à função simbólica” (Costa e outros, 1997, p.32).

Desse modo, nosso papel enquanto psicoterapeutas de grupo consiste, num primeiro momento, em acolher o imaginário que chega, e dar continência ao sofrimento, a partir de uma escuta para além do dito, como em qualquer psicoterapia fundada na psicanálise freudiana.

Num segundo momento, o terapeuta necessita ser catalisador, um acelerador da produção, para fomentar a grupalização – construção do grupo como dispositivo de trabalho coletivo. Para isso, é preciso deslocar a posição imaginária em que o sujeito o coloca, bem como desarticular a posição do sujeito do enunciado, em que se destaca a presença dos significantes tautológicos do sintoma copiados do social.

É por esse caminho que, a partir de Lacan, consideramos possível a produção de sentidos no coletivo. Encontro de significantes transindividuais, produtores de sentido da mesma natureza. O trabalho do grupo pode oferecer significantes ao que está recalcado na história, ou ainda, ao que não está simbolizado. Ele pode criar novos significantes capazes de dar significação ao que não a tinha. Com as ressalvas feitas acima sobre a possibilidade de consolidar o modo de produção do grupo no Discurso do Analista, arriscamos a hipótese de que as seguintes ocorrências em nossa prática podem ilustrar esse modo de produção.

A: Nem sei se eu casei porque eu gostava da minha mulher!

E: Nem eu!

C: Nem eu!

E: Tô achando que eu gosto disso! (em relação a apanhar).

A: Se eu morrer as pessoas não vão me ver!

E: Vocês devem estar pensando: nossa! Como essa mulher é fria!

Ou eu espero morrer, ou enfrento. Que sufoco!

Algumas dificuldades encontradas na prática

Como em qualquer situação, a prática com grupos na teoria de Lacan também se defrontou com variáveis que dificultaram extremamente o trabalho.

Consideramos variáveis significativas: ter desencadeado uma demanda a partir de uma oferta “relâmpago”; ou seja, tudo faz crer que essa modalidade de psicoterapia não tem representatividade social no contexto dos sujeitos que compareceram; isso pode ter gerado uma expectativa que, em contato com a realidade, foi frustrada (vários abandonos do grupo, mesmo nas entrevistas preliminares, podem ter nisso uma de suas causas). Outro fator que pareceu relevante é o aparente desprestígio do dispositivo grupal como meio de psicoterapia, embora, paradoxalmente os grupos do tipo “massa” proliferem em cada canto da cidade. De fato, tanto a exigência de “individual” para a psicoterapia, quanto a proliferação dos grupos de auto ajuda logo ficam esclarecidas com o mínimo esforço de reflexão sobre as características da chamada subjetividade contemporânea. Essas dificuldades funcionam como barreiras à continência e persistência mínimas necessárias à primeira tarefa do grupo, que é sua construção como dispositivo de trabalho psicoterapêutico. Nossa modesta contribuição para mudar a situação de desprestígio do grupo psicoterapêutico é procurar demonstrar que ele pode ser realizado de um modo que lhe permite alcançar os mesmos objetivos e pautar-se na mesma ética da psicoterapia em que a psicanálise do campo de Freud e Lacan é aplicada.

Costa-Rosa, A., Pastori, F.. (2011) Group psychotherapy based on the psychoanalysis of Jacques Lacan: social ties and discursive revolutions. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 01-23.

Abstract: *In a preliminary communication, we intend to reflect on the possibilities of group psychotherapy based on the theory of Lacan. We started from the premise that it could apply to group psychotherapy the same theoretical basis of individual psychotherapy in which the psychoanalysis of Jacques Lacan is applied, with some modifications. Introducing theoretical elements and reporting fragments of the practice of caring for a group in this reference, so that it gives an idea of how this psychotherapeutic group works. The application of Lacan's psychoanalysis to the practice of group therapy has shown results that seem to justify the continuation of this exercise of intercession and research, and at the same time seems to allow to the theory of groups to cross the boundaries of imaginary. The group practice in this reference has been shown as effective as individual psychotherapy in the field of Psychosocial Care.*

Key-words: *psychotherapeutic group, psychoanalysis, Lacan, Psychosocial Attention.*

Referências bibliográficas

Anzieu, D. (1993) *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barus-Michel, J. (2004) *O Sujeito Social*. Belo Horizonte. Editora PUCMinas.

Bion, W.R. (1975) *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago.

Carrera, C. G. dos S; Ferreira, I.X. (2000) Do grupo de recepção ao grupo regular: que grupo é esse? In: *A Clínica da Recepção nos Dispositivos de Saúde Mental*. Instituto de Psiquiatria, Cadernos IPUB, vol. 17, p. 107-116.

Costa, A. M. R. D; Ribeiro, P.L. e Gomes, V. (1997) Análise e tratamento em estruturas discursivas (Uma outra possibilidade clínica). In: *Estilos da Clínica: Revista sobre a infância com problemas*. Ano III, nº 3, IPUSP – São Paulo, 2º sem., p. 30-42.

*O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan,
laços sociais e revoluções de discurso*

Costa, J. F. (1989) *Psicanálise e Contexto Cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus.

Costa-Rosa, A. (2005) O Grupo Psicoterapêutico no Discurso do Analista: um novo dispositivo da clínica na Atenção Psico-Social. Mimeo, UNESP-Assis.

Dor, J. (1989) *Introdução à leitura de Lacan: o Inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.114-120.

Freud, S. (1980) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921)*. In Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Rio de Janeiro: Imago, Vol.XVIII.

Jimenez, S. (org.) (1994) *O Cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Kaës, R. (1997) *El aparato psíquico grupal. Construcciones de grupo*. Barcelona: Granica.

Lacan, J. (1998) *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1958).

Lacan, J. (1989) *A Psiquiatria inglesa e a guerra*. Em LACAN, J. et all. *A Querela dos Diagnósticos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1999) *O Seminário – livro 05: As Formações do Inconsciente*. [1957/58] Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1988) *O Seminário – livro 10: A angústia*. [1962-63] Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1988) *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964] Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1992) *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*. [1969-70]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1982) *O Seminário – livro 20: Mais ainda*. [1972-73]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2007) *O Seminário – livro 23: O sinthoma*. [1975-76]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laurent, E. (et. Al.) (1998) O lugar da psicanálise nas instituições. A função do pequeno grupo na lógica da psicanálise. In: *Relatório das escolas – Primeiro Congresso*. Associação Mundial de Psicanálise. Barcelona.
- Laurent, E. (1995) *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Magno, MD. (2007) *Ad Sorores Quatuor, os quatro discursos de Lacan*. Rio de Janeiro: NovaMente (1978).
- Nasio, J. D. (1989) *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Miller, D. (1989) As três transferências. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Clínica Lacaniana: casos clínicos do campo freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.44-50.
- Milner, J-C. (1996) *A Obra Clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução Procópio Abreu.
- Porge, E. (2006) *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Quinet, A. (2005) *As 4 +1 condições da análise*. 10. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.13-34.

*Recebido em: 23 de outubro de 2010
Aprovado em: 25 de julho de 2011*